
A CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS E OS JORNAIS: UMA RELAÇÃO DE LEGITIMAÇÃO

THE NATIONAL CAMPAIGN OF FREE EDUCANDÁRIOS AND THE NEWSPAPERS: A
RELATION OF LEGITIMATION

Abigail Ferreira Alves Astofe⁶⁴

RESUMO: Este artigo tem como objetivo identificar e compreender a relação entre a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG, fundada em 1943) e os jornais tais como: “A Noite”, “Correio da Manhã”, “O Globo” e “O Jornal” além do Boletim da Campanha do Ginásio Pobre (atual CNEG). Para isso, mobilizamos conceitos da teoria dos campos de Pierre Bourdieu na análise dos jornais. Os elementos constitutivos da legitimação serão evidenciados a partir da memória de Felipe Tiago Gomes (1973) fundador da Campanha no Recife em 1943. Os resultados da análise empreendida mostram que a CNEG utilizou jornais e boletins para se legitimar no campo educacional, tendo em vista que os agentes fundadores da Campanha não possuíam capitais no campo educacional; na busca por legitimação, convidavam representantes políticos recifenses visitarem a Campanha. Esse conjunto de estratégias foi fundamental ao sucesso da CNEG.

PALAVRAS-CHAVE: Campanha Nacional de Educandários Gratuitos; Memória; Bourdieu; Sul de Mato Grosso.

ABSTRACT: This article aims to identify and understand the relationship between the National Campaign for Free Education (CNEG, founded in 1943) and newspapers such as: "A Noite", "Correio da Manhã", "O Globo" and "O Jornal" besides the Bulletin of the Campaign of the Ginásio Pobre (current CNEG). For this, we mobilize concepts from Pierre Bourdieu's field theory in the analysis of newspapers. The constituent elements of legitimacy will be evidenced from the memory of Felipe Tiago Gomes (1973) founder of the Campaign in Recife in 1943. The results of the analysis undertaken show that CNEG used newspapers and newsletters to legitimize itself in the educational field, considering that the founding agents of the Campaign had no capital in the educational field; in the quest for legitimacy, invited

⁶⁴Mestranda em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Bolsista Capes. E-mail: alves.abigail@hotmail.com

representatives of Recife to visit the Campaign. This set of strategies was fundamental to the success of CNEG.

KEYWORDS: National Campaign for Free Education; Memory; Bourdieu; South of Mato Grosso.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por escopo identificar e compreender a relação entre a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (1943) e os jornais. O presente estudo tem como ponto de partida o livro “Escolas da Comunidade” do próprio fundador da Campanha, Felipe Tiago Gomes⁶⁵ (1973) que, em suas memórias retrata como se deu a instalação no Recife e traz os jornais como elemento constitutivo e estratégia para legitimação no campo⁶⁶ educacional.

No ano de 1943, na cidade do Recife teve início a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos⁶⁷ (CNEG) que foi fundada 1943 na cidade de Recife/PE, empreendida por Felipe Tiago Gomes⁶⁸, fundador da Campanha, o objetivo da CNEG era democratizar o acesso ao ensino secundário. Com o auxílio de quatro ginasianos, que são: Carlos Luís de Andrade, Florisval Silvestre Neto, Joel Pontes e Eurico José Cadengue, estabeleceram a instituição no Recife por meio da legitimação em jornais, fundando a Campanha do Ginasiano Pobre⁶⁹ que se espalhou por todo o território nacional.

Com a ação empreendida por Felipe Tiago Gomes, estudante das classes menos favorecidas a Campanha iniciou. Inspirado por Haya de La Torre e a alfabetização de índios e

⁶⁵Ressalta-se que a escolha da obra de Felipe Tiago Gomes como ponto de partida para este artigo, se deu em função de ser o fundador da CNEG e facilidade com a aproximação de sua obra.

⁶⁶ Em seu sistema de pensamento, Bourdieu (1989) utiliza a noção de campo para tratar de espaços multidimensionais, em que ocorrem lutas e disputas pela legitimação de um bem produzido, essa luta é travada por meios dos capitais e o volume destes capitais. O capital, nesse sentido, está para além do recurso financeiro, mas, sobretudo o capital social, simbólico, cultural, estes capitais funcionam como moeda de troca para a legitimação em determinado campo.

⁶⁷ Opta-se por utilizar Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, pois no período em questão esta era sua denominação. Apenas em 1969 se intitula Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC).

⁶⁸Felipe Tiago Gomes nasceu em 01/05/1921, no Sítio Barra do Pedro, município de Picuí, na Paraíba. Filho caçula de Elias Gomes Correia e Ana Maria Gomes, agricultores. As primeiras aulas a tivera com sua irmã que havia concluído o curso primário na cidade. Terminado o ginásio e não tendo como continuar os estudos por questões financeiras, estava pronto para voltar à lavoura quando foi convidado por um juiz local, Dr. José Saldanha, para morar em sua residência no Recife e continuar seus estudos. Concluiu em 1944 o pré-Jurídico e ingressou posteriormente na Faculdade de Direito do Recife. Filiou-se à UDN e formou um grupo de resistência ao Governo Getúlio Vargas em Pernambuco. No ano de 1943 fundou a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, em 1946 foi eleito prefeito de Picuí. Exerceu o mandato ao mesmo tempo em que frequentava as aulas na Faculdade de Direito. Em 1948 conseguiu uma vaga no IPASE (Instituto de Previdência e Assistência Dos Servidores do Estado, mas pediu demissão para divulgar a Campanha. Em 1950 participou da Campanha de Erradicação do Analfabetismo do Estado do rio de Janeiro, onde se tornou Diretor do Departamento de Ensino Médio da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. Participou na década de 1960 da Associação Brasileira da Educação. Felipe faleceu em 21 de setembro de 1966 em Brasília. (FERRER, 2010).

⁶⁹A Campanha Nacional de Educandários Gratuitos surge como Campanha do Ginasiano Pobre.

ciente da injusta desigualdade de acesso a este ensino, juntamente com mais quatro ginásianos que passaram pelas mesmas dificuldades, tiveram a iniciativa de fundar instituições que corroborassem para a educação de jovens necessitados.

A fundação da Campanha se deu em um campo carente de escolas secundárias gratuitas e contou com agentes que passaram por dificuldades para prosseguir os estudos, como constataremos a seguir. A teoria dos campos de Bourdieu (1989), com os conceitos de campo e legitimação auxiliam a compreender como se deu a institucionalização da CNEG no Recife e a sua relação com os jornais e boletins. Parte-se da suposição de que a CNEG utilizou como instrumento os jornais para se autolegitimar no campo educacional do Recife.

Este artigo parte das memórias, bem como de jornais, que serão melhor aproximados com a utilização dos estudos de Pierre Bourdieu. A utilização de fontes regionais memorialísticas e autobiográficas em trabalhos científicos nos parece pertinente, no entanto é preciso operar com um olhar rigoroso tendo em vista que se trata de um campo pouco explorado. A memória precisa de uma análise para além dela, o cruzamento com a historiografia e outras fontes, desta maneira o pesquisador deve olhar criteriosamente a memória coletiva que se estabelece no local.

A memória utilizada como fonte não pode ser lida e analisada por si só, mas confrontada e compreendida em seu tempo e espaço. De acordo com Bourdieu (1989), é preciso se atentar ao senso comum douto, aquele que se mostra como científico, mas não o é, se faz necessário assim a ruptura que se dá por meio da conversão do olhar do sociólogo.

Nesse sentido, como assinala o autor, as ciências sociais exigem uma grande ambição com uma extrema humildade, esta última para conseguir dominar todo o conjunto dos conhecimentos adquiridos, dispersos e pouco formalizados. (BOURDIEU, 1989). Com relação a essa humildade pode-se afirmar que o pesquisador deve-se desvencilhar dos seus pré-conceitos ao estudar “[...] conhecimentos [...] dispersos e pouco formalizados [...]” (BOURDIEU, 1989, p. 64) como a memória sendo esta fonte pouco utilizada no meio acadêmico, bem como são fontes dispersas, para tanto é preciso o dispêndio de muita procura, relação dos saberes e o garimpo por parte do pesquisador, por outro lado, como afirma Bourdieu, o pesquisador precisa manter um distanciamento do seu objeto, para observar a quinta essência deste.

Nossa investigação tem como ponto de partida as fontes memorialísticas, biográficas e autobiográficas regionais, no período de 1970. Para tanto utilizamos o livro “Escolas da Comunidade” (1973) de Felipe Tiago Gomes para a compreensão dos agentes, campo e dos jornais no Recife no que tange sua legitimação.

Desse modo, partimos de uma questão norteadora: como se configura a relação entre a CNEG e os jornais? A partir deste questionamento elencamos nossos objetivos específicos, tais quais: 1) identificar a institucionalização da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos no Recife (1943) a partir da obra “Escolas da Comunidade” (1973); 2) identificar e compreender nas representações expressas nas fontes memorialísticas regionais a constituição do campo educacional e agentes no período (1943) bem como a compreensão da legitimação dada a Campanha e 3) Identificar e compreender nas representações a partir das memórias de Felipe Tiago Gomes (1973) a relação entre a CNEG e os jornais.

Neste sentido, para aspectos organizacionais organizamos o artigo em duas partes, na primeira pretende-se compreender a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos no Recife a constituição do campo educacional e agentes. De modo geral o tópico aproxima o contexto do período para a instalação na cidade, ou seja, compreende o campo em que ela se institucionaliza e os agentes. O segundo tópico compreende a relação entre a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e os jornais no processo de legitimação bem como as estratégias utilizadas para este fim.

2. CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS: O CAMPO E SEU PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO

Com o objetivo de identificar a institucionalização da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos no Recife (1943) a partir da obra “Escolas da Comunidade” (1973), esta primeira parte, busca também por meio da memória e da historiografia compreender a constituição do campo educacional e agentes no período (1943). Para tanto faremos um retrospecto histórico evidenciando o campo educacional, a finalidade da Campanha e agentes que a fundam.

A partir do estudo de Holanda (1977) compreendemos o contexto do período, em que os jovens ginásianos empreenderam tal Campanha no Recife. O Brasil passava pelo período do Estado Novo⁷⁰, momento que a ditadura imperava com os princípios do nacionalismo, na educação, eram refletidas as transformações operacionalizadas no País com o intuito de atender a industrialização e o novo Estado autoritário. Desta maneira creditava-se na educação o poder de solucionar os problemas nacionais.

⁷⁰O Estado Novo surgiu a partir de um golpe de Estado em 10 de novembro de 1937 com o apoio das Forças Armadas e com o aval da Carta Constitucional que legalizava as medidas que visavam tolher as liberdades políticas, controlava os movimentos dos trabalhadores e dos sindicatos, disciplinava a mão-de-obra e daí para frente influenciaria a industrialização do país. (COSTA, 2003, p. 51).

Com a Reforma Capanema, em 1942, acresceu-se a dicotomia do ensino secundário⁷¹ destinado às elites tendo em vista que esta compreendeu o ensino secundário e o ensino técnico industrial. O ensino secundário apresentava um caráter elitista ao qual se voltava a formação de futuros dirigentes do país, cabendo àqueles que tinham condições de arcar com o seu custo, já o ensino técnico industrial destinava-se aos menos favorecidos.

Com base no estudo de Holanda (1977) compreendemos que na legislação do período não há vestígio que apontasse a escola secundária como dever do Estado, desta maneira, restringiu-se o acesso a este nível de ensino abrindo espaço para a iniciativa particular. Nesse sentido, o campo educacional do período era permeado por escassas escolas públicas.

Encontramos aqui a razão de o ensino secundário brasileiro estar, praticamente todo, entregue à iniciativa privada e a explicação do fato de, ainda na década de 40, os estados manterem apenas um ginásio público em suas capitais, como o Ginásio Pernambucano em Recife-PE. (HOLANDA, 1977, p. 9).

Nesse sentido, as famílias economicamente desfavorecidas ficavam de fora do ensino secundário visto que, este era em sua maioria de caráter particular, mantendo-se nele somente as elites. Para Moreira (1956) a situação educacional era precária tendo em vista a falta de recursos advindos dos poderes estadual e municipal, que não conseguiam atender a demanda por educação elementar. O autor propõe um alinhamento entre o Governo Federal e o estadual para realizar uma mudança no cenário educacional já que, “ [...] o Brasil precisa empenhar-se no planejamento do desenvolvimento econômico, cultural e educacional de uma área que, sendo a mais densa demograficamente, é também a mais necessitada relativamente, dentro do território nacional” (MOREIRA, 1956, p.74).

Recorrendo a obra de Gomes (1973) podemos compreender o campo educacional de forma problemática já que apenas aqueles que detinham recursos financeiros terminavam os estudos. Os próprios fundadores da Campanha não obtiveram dinheiro fácil para estudar, alguns passaram fome e só compravam sapatos quando os velhos não podiam mais ser usados. (GOMES, 1973). Defronte disso, em outro trecho, o autor relata: “ Os filhos de ricos podiam libertar-se da ignorância; os pobres estavam condenados a permanecer na infraestrutura social. ” (GOMES, 1973, p. 15), desta maneira as famílias abastadas permaneciam na mesma posição

⁷¹Neste momento histórico o Estado ofertava a o ensino primário como educação elementar, o ensino secundário assim era destinado as elites que podiam arcar com seus custos.

perpetuando as estratégias⁷² de reprodução – utilizando do capital financeiro para arcar com os estudos – enquanto as famílias desfavorecidas continuavam sem estudos e conseqüentemente consentindo com o poder simbólico atuante. De acordo com Bourdieu & Passeron (1992), a escola trabalha reproduzindo as desigualdades produzidas na sociedade por meio da ação pedagógica,

[...] que reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo para reproduzir a estrutura das relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima. (BOURDIEU; PASSERON, 1992, p. 21).

Destarte a fundação da Campanha naquele período tornou-se necessária haja vista a precariedade de escolas secundárias públicas. A compreensão que se tem do campo no período é que escolas gratuitas de ensino secundário eram escassas. Nesse sentido no que tange a relação com o campo em Bourdieu, o que se estava em jogo e era objeto de disputas era o ensino secundário gratuito no Pernambuco, tendo em vista a falta de escolas, em especial na cidade do Recife.

O primeiro ginásio a ser fundado denominava-se Ginásio Castro Alves que foi criado a partir da iniciativa de um grupo de estudantes universitários: Carlos Luis de Andrade, Florisval Silvestre Neto, Joel Pontes e Eurico José Cadengue, liderados pelo jovem Felipe Tiago Gomes, que surgiu com o ideal de ajudar o estudante secundário.

Era o ano de 1943. E ele, Felipe Tiago Gomes, que conhecia na própria carne o drama do estudante pobre, do jovem que quer estudar e não pode, teve uma ideia: [...] criar-se uma instituição [...] que oferecesse aos moços pobres possibilidades de obter conhecimentos capazes de vencer os obstáculos naturais, existentes numa sociedade [...]. (GOMES, 1973, p. 8).

⁷² Para Bourdieu o conceito de estratégia é uma alternativa para escapar do ponto de vista objetivista e subjetivista deste modo “[...] é preciso inscrever na teoria o princípio real das estratégias, ou seja, o senso prático, ou, se preferirmos, o que os esportistas chamam de "sentido do jogo", como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo, que se adquire pela experiência de jogo e que funciona aquém da consciência e do discurso (à semelhança, por exemplo, das técnicas corporais). Noções como a de *habitus* (ou sistema de disposições), de senso prático, de estratégia, estão ligadas ao esforço para sair do objetivismo estruturalista sem cair no subjetivismo.” (BOURDIEU, 1990, p. 79).

Felipe estudava na Casa do Estudante⁷³ e posteriormente foi admitido como bibliotecário da instituição nesse período, conheceu a obra de John Gunther e o trabalho de Haya de La Torre com a alfabetização de índios,

De porteiro da Casa do Estudante de Pernambuco, passei a trabalhar na Biblioteca dessa Instituição. Um dia, lendo o DRAMA DA AMÉRICA LATINA, de John Gunther, descobri interessante experiência realizada pelo líder peruano Haya de La Torre. Ele criara escolas de alfabetização para os índios, cujos professores eram estudantes, que lecionavam gratuitamente. Levei o fato ao conhecimento de Everardo da Cunha Luna, meu colega de quarto. (GOMES, 1980, p.13)

Defronte disso, Felipe idealizou a Campanha com o intuito de realizar o ensino gratuito no curso secundário, para tanto convocou alguns colegas e a ideia foi aceita, desta maneira “[...] lançamos as bases de um movimento de profundo sentido social e humano.” (GOMES *apud* ENCISO, 1986, p. 108). Os agentes que fundam a Campanha foram estudantes secundários que com dificuldades financeiras conseguiram terminar o curso ginasial, segundo Assis (2005, p. 41):

[...] surgiu em decorrência da ação empreendida por cinco ginasianos, vindo de diferentes localidades do Nordeste, que sob a liderança de Felipe Tiago Gomes, cientes da injusta desigualdade de acesso à escola secundária e vivenciando um clima de contestação do regime autoritário brasileiro, lançaram-se à firme tarefa de construir um ginásio para aqueles que não tinham e não podiam arcar com o ônus das mensalidades escolares. Iniciaram uma campanha para a criação de educandários gratuitos que deveriam ser espalhados por todo o país.

Nesse sentido, a CNEG surgiu com o intuito de democratizar o ensino secundário para aqueles que por algum motivo não podiam estudar. Tal problema era presente em todo o Brasil, visto que o Estado, não conseguia atender as necessidades educacionais.

Em síntese, os agentes que fundam a Campanha agem em prol de interesses e de acordo com posição que estão na estrutura social, estes apreenderam os esquemas, possuindo a percepção do mundo social, isto é, a falta de escolas secundárias gratuitas no período, e tendem a mover a estrutura, formulando estratégias capazes de fazê-la acontecer. Para tanto contam com a legitimação da imprensa como uma estratégia, para a aceitação da institucionalização da Campanha no Recife bem como para a representação desta.

3. A LEGITIMAÇÃO E OS JORNAIS NA CAMPANHA NACIONAL DE EDUCANDÁRIOS GRATUITOS

⁷³A Casa do Estudante foi criada em 1931 idealizada por estudantes que não tinham posse de recursos financeiros para concluir o ensino superior, e deram início a chamada Casa do Estudante Pobre de Medicina. (CEP, 2018).

Nesta segunda parte, temos o objetivo de compreender a relação entre a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e os jornais no processo de legitimação. No tópico anterior, é evidente o campo que a Campanha está permeada, isto é, envolta por poucas escolas secundárias que, na sua maioria eram de iniciativa particular.

Para Bourdieu o campo é entendido como, “[...] palco de disputas – entre dominantes e pretendentes – relativas aos critérios de classificação e hierarquização dos bens simbólicos produzidos [...].” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 32). Ou seja, esse campo é permeado de jogos e lutas para a classificação de um bem produzido, isto é, o poder da legitimação. Assume-se assim a forma de uma luta pelo poder simbólico, de fazer crer, predizer e prescrever.

Para algo ser legitimado e reconhecido, isto é, ser valorado no campo, se faz necessário a *priori* de lutas para se impor a legitimação (violência simbólica). E para tanto quem o faz tem que ter autoridade, pois tudo que enuncia se produz, não basta ser diferente, mas ser reconhecido como tal perante aos “outros”.

No espaço os agentes e grupos são definidos pelas suas posições relativas, em que estão colocados em uma posição. Neste sentido, conforme as propriedades (capitais) são acumuladas neste espaço e o definem, elas são capazes de atuar nele e constituí-lo, assim estabelecendo um campo de forças, ou seja, atuam impondo a todos. Em suma, o espaço social é construído na diferenciação, onde os agentes se diferenciam pelo conjunto de propriedades atuantes (capitais) que atribuem poder ao detentor. As propriedades atuantes são as diferentes espécies de poder ou de capital tais contribuem para a construção do espaço social.

Segundo Assis (2005), a Campanha obteve força e presença na educação brasileira, com atuação da educação infantil ao ensino superior, em todo o território nacional e, “[...] contando com o apoio do poder público, além da presença de conhecidos representantes políticos na sua estrutura de poder.” (ASSIS, 2005, p. 19), ou seja, naquele campo, a CNEG buscou se legitimar por meio do apoio do governo bem como das visitas de políticos a instituição.

Desta maneira, os agentes fundantes da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos não tendo posse de capitais que emanassem força para a legitimação na cidade, recorreram a jornais e boletins, isso é perceptível na memória de Gomes (1973) ao retratar o apoio da imprensa, bem como em buscas no site da Biblioteca Nacional⁷⁴, no qual aparecem diversos jornais⁷⁵ retratando a CNEG. Segundo Assis (2005):

⁷⁴ Link para acesso: <<https://bndigital.bn.gov.br/>>.

⁷⁵ Nas buscas foram encontradas menções a Campanha nos jornais: A Noite (1950) e Correio da Manhã (1959).

O movimento pela causa dos educandários gratuitos utilizava-se, como estratégia para a sua disseminação, da distribuição de boletins nas escolas e nas faculdades, do trabalho de um grupo teatral que, percorrendo bairros de Recife e cidades do Nordeste, levava a arte para divulgar a Campanha; foram ainda realizadas duas semanas de cultura com a finalidade de obter o apoio e a adesão dos intelectuais à causa. Os fundadores, sobretudo, buscaram e conseguiram um espaço na imprensa, além do apoio dos órgãos oficiais. O jornal “A Noite”, de Recife, em 26 de junho de 1949, publicava: “Está ganhando terreno a *Campanha Nacional de Educandários Gratuitos*, iniciativa de extraordinária envergadura e que se destina a constituir o marco inicial de uma era de renovação e aprimoramento da cultura brasileira” (ASSIS, 2005, p. 41-42, grifo do autor).

Os agentes que fundam a Campanha eram estudantes que não possuíam capitais⁷⁶ para se impor e legitimar a instituição que criaram, desta maneira, recorreram aos boletins e jornais que divulgam a Campanha e são capazes de emanar força para legitimação. Na obra de Felipe Tiago Gomes (1973) observa-se que os próprios fundadores escreviam no Boletim da C.G.P (Campanha do Ginásio Pobre) com o intuito de “[...] difundir a ideia da criação de um ginásio gratuito [...]” (GOMES, 1973, p. 18) no qual fora criado com este objetivo.

Além do Boletim da C.G.P, a Campanha contou com a colaboração da imprensa neste processo de legitimação. O primeiro jornal a contribuir foi “O Semeador” de Alagoas, os jovens assim perceberam que podiam contar com o apoio da imprensa, Gomes (1973, p. 25) retrata: “A nós, moços empolgados pelo ideal da democratização do ensino, o comentário do jornal alagoano constituía uma vitória: sentíamos que a imprensa seria nossa aliada na luta que então se iniciava.”. Outros jornais contribuíram como “Correio da Manhã”, “A Noite”, “O Globo” e “O Jornal”. Para Felipe, o incentivo dado pela imprensa na divulgação da Campanha contribuiu para o entusiasmo da causa defendida por eles, criar um ginásio gratuito para o estudante “necessitado”.

Além disso, os mesmos buscaram proclamar ao povo do Recife o ideário, assim no dia 07 de setembro de 1943 por conta dos desfiles escolares e das Forças Armadas, os jovens entregaram panfletos com um texto clamando a mocidade para auxiliarem o estabelecimento de um ginásio para o “moço pobre”. Nesse sentido, a Campanha em seus primórdios contou com a mobilização de estratégias dos agentes para uma legitimação na região, contando com o apoio da imprensa.

⁷⁶ Distinta da concepção marxista, o Bourdieu (1989) compreende o capital para além de bens e riquezas materiais, mas o recurso ou poder que se tornar visível em uma atividade social. Para o sociólogo francês assim, existem outros tipos de capital, como o capital social, cultural, econômico e o simbólico.

Outra estratégia relatada eram os incessantes convites às autoridades recifenses, em que os dirigentes da Campanha com frequência importunavam os políticos para visitar a mesma. Deste modo, o Prefeito Novais Filho visitou-a e proferiu palavras de estímulo, para ele a Campanha: “[...] reflete a inteligência, o patriotismo e a sensibilidade da alma pernambucana com os meus aplausos deixo sinceramente os melhores votos” (GOMES, 1973, p. 40). Com isso, a Campanha ganhou força e legitimação através de personalidades políticas, tendo em vista que se torna visível a sociedade recifense.

Estas estratégias para a legitimação da Campanha recaem sobre alguns questionamentos no que tange o valor noticioso, ou o valor notícia⁷⁷ como: “Por que a CNEG ganhou espaço nos jornais? Por que a ela foi dada a oportunidade de se legitimar e aparecer nestes?” São questionamentos que aqui não serão explorados, tendo em vista a limitação deste estudo, mas que merecem aprofundamentos.

Para Leal e Carvalho (2015), a articulação entre acontecimento/reportagem/notícia se dá em um campo difuso e envolto por mediações, pois “A produção da notícia envolve um campo de disputas desigual, no qual diferentes agentes sociais [...] concorrem entre si por espaços, enquadramentos e falas [...]”. (LEAL; CARVALHO, 2015, p. 609).

As particularidades do campo jornalístico apresentadas por Bourdieu (1997) fazem-se essenciais em diferentes aspectos para o entendimento dos processos de seleção e de construção das notícias, ou seja, não se sabe em que medida foram os tensionamentos do campo para que os agentes (ex-ginasianos) conseguissem publicar nos jornais, ou quais os interesses destes em publicar, porém compreende-se que, este é um campo envolto por disputas.

Já o campo jornalístico se torna um espaço de constante tensionamento Bourdieu (1997) *apud* Silva (2013), o ressalta como “um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos” (BOURDIEU, 1997, p. 55). Segundo Silva (2013, p.7) “A partir do vértice teórico do sociólogo francês, o entendimento do campo jornalístico como autônomo consiste necessariamente no reconhecimento de que sua compreensão não pode ser pensada de maneira direta como resultante de fatores externos.”

⁷⁷ De acordo com Wolf (2003) valores notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente.

Nesse sentido este campo é permeado por tensões, que devem ser levadas em consideração.

A concorrência econômica entre as emissoras ou os jornais pelos leitores e pelos ouvintes ou, como se diz, pelas fatias de mercado realiza-se concretamente sob a forma de uma concorrência entre os jornalistas, concorrência que tem seus desafios próprios, específicos, o furo, a informação exclusiva, a reputação na profissão, etc, e que não se vive nem se pensa como uma luta puramente econômica por ganhos financeiros, enquanto permanece sujeita às restrições ligadas à posição do órgão de imprensa considerado nas relações de força econômicas e simbólicas. (BOURDIEU, 1997, p. 57-58).

Para Silva (2013), o campo jornalístico em Bourdieu (1997) possui particularidades que são de suma relevância no que tange a compreensão dos processos de seleção e de construção das notícias. (SILVA, 2013). Segundo o autor francês, os meios de comunicação são estruturados socialmente em consenso com uma ordem simbólica estabelecida, ou seja, no âmbito da CNEG e a sua relação com o campo jornalístico, o jornal auxiliou na produção de um bem simbólico legitimado por ele e por todos os outros que mantem a ordem preexistente, isto é, legitimar.

Nas memórias de Gomes (1973) são evidenciadas outras estratégias como uma espécie de promotores que ficavam encarregados de divulgar a Campanha com o intuito de obtenção de auxílios. Nas ruas, nas entradas de cinemas e em demais locais eram distribuídos panfletos com uma foto de alunos assistindo a aulas de pé, para chamar a atenção de quem passava e contribuir com a instituição.

Mesmo com dificuldades para ser instalada, como um espaço para dar aulas, a falta de cadeiras e mesas a Campanha ganhou força devido a divulgação e legitimação feita pelos fundadores em diversos locais. Segundo Raquel de Queiroz, citada por Gomes (1973), a Campanha se tornou uma das entidades mais serias do País, tornando-se reconhecida como de utilidade pública pelo decreto n. 35.505 de 30 de novembro de 1954, com sede em todas as unidades da Federação, neste ponto compreende-se a legitimidade que a mesma adquiriu sendo reconhecida pelo poder público.

A CNEG surgiu com o objetivo principal sendo este de caráter humanístico e solidário, com vistas a melhorar a educação nacional, sendo assim no capítulo II do Estatuto da CNEG, denominado “Das Finalidades” no artigo 3º,

A CNEG, inspirada nos princípios cristãos de solidariedade humana e tendo em vista que a educação nacional exige a convergência da ação das forças vivas do País, com o apoio e a ajuda dos Poderes Públicos, para tornar-se acessível a todos os brasileiros. (CNEG, 1961, p. 3-4).

A Campanha disseminou-se por todo o território nacional, e se instalou em várias localidades, pois, “Em cada canto do Brasil, um ginásio gratuito será o Brasil descobrindo-se a si mesmo, firmando a sua consciência, ocupando o lugar que lhe cabe no concerto das Nações.” (BRASIL, 1954, p.3). Como assinala Nunes (1988, p. 32), referindo-se a filosofia da Campanha que

[...] consistia acima de tudo em popularizar a educação. Era uma campanha que visava fornecer ao alunado pobre os instrumentos básicos com os quais ele poderia educar-se, e atingir a sua plena maturidade espiritual e intelectual. A campanha foi, portanto, o ponto de partida da chamada educação popular no Brasil. Ela representa o marco dessa conquista de todo país civilizado, ou seja, a extensão da educação básica às camadas mais representativas da sociedade brasileira.

Como assinala Naves (2013) a Campanha expandiu-se com a criação de escolas cenevistas entre os anos de 1950 e 1960 de modo acelerado, devido ao apoio do poder público com o aumento de recursos federais.

Nota-se que a atuação da CNEG no início dos anos 1950 se estendia por alguns estados brasileiros, mas, em especial, nas regiões mais periféricas do país. [...] eram: 02 escolas em Pernambuco, 03 no Amazonas, 06 na Paraíba, 01 no Rio de Janeiro, 01 no Paraná, 05 em Alagoas, 01 no Pará, 02 no Espírito Santo, 01 no Distrito Federal, 02 no Mato Grosso, 05 em Goiás, 01 no Maranhão, 01 no Rio Grande do Sul, além das escolas primárias da Escola Politécnica de São Paulo, para as quais a fonte não relata a quantidade. (NAVES, 2013, p. 81)

A Campanha cresceu e são fundadas diversas instituições em várias localidades do país. De acordo com Ferrer (2010) a mesma até o início do século XXI fundou mais de 2.000 escolas espalhadas pelo Brasil, formando assim uma rede de escolas que esteve presente em cidades carentes de educação. Em 2001 com as mudanças no cenário educacional a CNEG perdeu força devido a leis que obrigavam o Estado a arcar com a educação e assim,

[...] a CNEC parece ter perdido a razão de ser. Sem a subvenção do dinheiro público e tendo que se manter a partir de seus próprios recursos, não restou nenhuma alternativa senão cobrar mensalidades escolares de seus alunos, o que não a diferenciava em nada da rede de estabelecimentos particulares, partindo para a livre concorrência. As escolas

começaram a fechar, após um redirecionamento da administração que assumiu o controle no Brasil e uma após outra foram fechando, ficando apenas aquelas que estivesse com as contas sanadas. (FERRER, 2010, p. 14).

Para Felipe Tiago Gomes a ideia conseguiu atingir seu propósito e foi além, pois tinha em seu ideal fundar apenas um ginásio, no entanto a mesma se espalhou e transformou-se na maior obra comunitária das Américas.

Percebemos que a legitimação foi instaurada com os auxílios advindos já no ano de 1950, e assim a Campanha se fortaleceu e percorreu outras cidades e estados chegando ao Mato Grosso em 1949 com Felipe Tiago Gomes e a Deputada Estadual Oliva Enciso.

Em suma, o campo era constituído por poucas escolas secundárias, na maioria de iniciativa particular. Os agentes deste campo eram os ginasianos que não possuíam capitais nem força simbólica para legitimar a Campanha no Recife e nas cidades circunvizinhas, desta maneira mobilizam estratégias como a distribuição de panfletos a utilização da imprensa e o constante pedido a políticos visitarem a Campanha para assim conferir representação perante a sociedade recifense. Destarte, com auxílio de outros agentes e da imprensa a Campanha se legitimou no Recife e ganhou força para se expandir para outros estados, incluindo o Mato Grosso no ano de 1949.

4. À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo compreender identificar e compreender a relação entre a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (1943) e os jornais a partir da obra “Escolas da Comunidade” (1973). Tendo como ponto de partida as memórias foram utilizadas outras fontes como a historiografia analisadas a partir das obras de Pierre Bourdieu e seus interlocutores.

Em todo o percurso do estudo buscou-se responder à questão: como se configura a relação entre a CNEG e os jornais? Inicialmente, buscamos compreender o contexto, assim, observamos o campo educacional no Recife que se apresentou com escassas escolas secundárias gratuitas. A população carente de escolas públicas, tinha acesso somente a escolas secundárias de iniciativa particular, assim, aqueles que dispunham de capital financeiro terminavam os estudos. Para Bourdieu (1996) a escola institui fronteiras sociais análogas àquelas que separavam a grande nobreza da pequena nobreza e dos simples plebeus. Segundo o autor, a separação se dá pelas próprias condições de vida. Nessa perspectiva o sociólogo afirma que o sistema escolar age para realizar uma triagem que mantém a ordem preexistente, isto é, aqueles que dispõem de capital

possuem vantagens perante aos que não o tem, mantendo dessa forma a reprodução da ordem social. Desta maneira, neste campo, o que se estava em jogo e era objeto de disputas era o ensino secundário gratuito no Pernambuco, tendo em vista a falta de escolas, em especial na cidade do Recife.

Para a institucionalização da CNEG no Recife, necessitou-se de estratégias para a sua legitimação, já que os agentes que a idealizaram não tinham posse de capitais para obter força no campo em questão. Deste modo, a estratégia adotada para a legitimação foi a divulgação da Campanha por meio de panfletos, além de contarem com o apoio da imprensa. Observando como ocorreu a fundação da CNEG no Recife percebe-se a grande dificuldade que enfrentou no processo de institucionalização. A legitimidade dada por outros agentes corroborou para a oficialização na cidade.

Nesse sentido, a Campanha no Recife contou com uma tríade: campo, agentes e a legitimação dada pela imprensa. Desta maneira todos contribuíram em sua legitimação no Recife. Conclui-se, portanto, que a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos obteve sucesso em sua instalação tendo em vista o apoio que recebeu dos agentes e do poder público, a sua aceitação pela sociedade, bem como a sua expansão por outras regiões do Brasil.

No que tange a relação entre a CNEG e os jornais compreende-se uma relação de estratégia, que tinha como escopo a legitimação ofertada pelos veículos da imprensa, dando maior visibilidade e aceitação da mesma no campo. Não foi possível constatar em que ponto essa relação se mantinha, e o porquê da CNEG conseguir este espaço, porém este estudo situa-se de modo inicial e oportuniza problematizações para outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Daisy Laraine Moraes de. *A Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos (CNEG) e a nova organização escolar: histórias e memórias da educação no município de Ibicaraí/BA*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005, 295p.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: _____ *Coisas Ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 149-168.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 6ª ed. - Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1989.

BOURDIEU, Pierre. O novo capital. In: _____ *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papyrus, 1996, p. 35-52.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRASIL. *Projeto de lei nº 4.421- 17/05/1954. Concede a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos franquia postal telegráfica para a correspondência que expedir em objeto de serviço*. Disponível em: < http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=D5AB928FCC9195E24FABF637DD695CBC.proposicoesWeb2?codteor=1217580&filename=Dossie+-PL+4421/1954> Acesso em 02 jun. 2015.

CEP, Casa do Estudante de Pernambuco. *História: A Casa do Estudante de Pernambuco nasceu do sonho dos estudantes da década de 30*. Disponível em: <http://cepos.org.br/institucional/historia/>. Acesso em: 20 Dez. 2018.

COSTA, Eremilda Vieira da. *De Augsburg para o Pernambuco: Irmãs Franciscanas de Maristella formando professoras - Timbaúba/PE, 1938 a 1950*. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós – Graduação em Educação, Recife, UFPE, 2003.

CNEG, Estatuto da. *Estatuto da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos*. Fortaleza- CE, 1961, 19p.

ENCISO, Oliva. *Mato Grosso do Sul: minha terra*. São Paulo: Editora Resenha Ltda, 1986.

FERRER, Silvaniza Maria Vieira. *A Campanha Nacional das Escolas da Comunidade – CNEC e o “entusiasmo” pela educação ginasial no Ceará no período de 1958 a 1963*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza – 2010. 238p.

GOMES, Felipe Tiago. *Escolas da Comunidade*. Distrito Federal: CNEC. 4ª ed. 1973.

HOLANDA, Ivanildo Coelho de. *CNEC. Um Estudo Histórico*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1981.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. *De fontes a agentes jornalísticos: a crítica de uma metáfora morta*. Revista Intexto. Porto Alegre, UFRGS, n. 34, 2015.

MOREIRA, J. Roberto. *Aspectos Atuais da Situação Educacional e Cultural em Pernambuco*. Educação e Ciências Sociais, Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro, I (3): 21-75, dez. 1956.

NAVES, Nelsimar José. *História e memória do Ginásio Simon Bolívar em Corumbáiba – GO. (1956 a 1974)* [manuscrito], 2013.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C.M. *Bourdieu e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NUNES, M. Paulo. *O discurso imperfeito: notas para a história da educação brasileira*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1988, p. 32.

SANTOS, Solange Xavier da Silva; CENTENO, Carla Villamaina. *A Escola General Malan (1934): o papel do exército na educação escolar em campo grande*. 2007. 7, Jornada do HISTEDBR, Campo Grande, Anais..., 2007.

SILVA, Marcos Paulo da. *As dissonâncias cotidianas nas rotinas dos jornais: o habitus jornalístico e a atribuição de um sentido hegemônico às notícias* Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina, v. 10, n. 1, 2013.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido em 15/09/2018.

Aceito em 04/01/2019.